

O NOSSO CARISMA E A INCULTURAÇÃO

- A. Qual è o nosso carisma
- B. Como o nosso carisma postula o processo de inculturação
 - 1. O que è que entendemos por inculturação
 - 2. Como este processo se enquadra no nosso carisma.

A. Tiro-o de Constituições e Directório.

C.1 Na Igreja, que è sacramento universal de salvação, o Pontifício Instituto das Missões reconhece como própria finalidade a actividade missionária e em particular a evangelização dos povos e grupos ainda não cristãos.

1. De toda a variegada gama da actividade missionária, apontada pelo Decreto Conciliar *Ad Gentes*, o P.I.M.E. escolhe e estabelece como seu compromisso prioritário o anúncio do Evangelho aos não cristãos. A esse compromisso o Instituto dará precedência na destinação do pessoal e dos meios e na busca de novos campos de actividade.
2. O Instituto prestará sua colaboração para a maturação das jovens Igrejas e especialmente para promover a concreta participação delas na evangelização dos não cristãos dentro e fora de seus territórios.
3. Nos Países cuja população è na maioria cristã nossa presença deverá responder a peculiares exigências de evangelização, tais como
 - a falta ou escassez de clero e de agentes de pastoral locais,
 - a existência de ambientes sócio-culturais praticamente não evangelizados,
 - o insuficiente ou precário desenvolvimento da Igreja particular.

D1.1 Em conformidade com a tradição histórica que interpreta o carisma missionário "ad gentes" do Instituto e para contribuir à comunhão entre Igrejas, culturas e povos, os membros do P.I.M.E. são enviados para a evangelização no exterior, isso è, fora de suas próprias Igrejas, culturas e Países de origem, também quando neles houverem consistentes grupos de não cristãos.

2. Ni âmbito da prioridade conferida ao primeiro anúncio do Evangelho, será dada especial atenção à Ásia

Comentário.

1. A Evangelização e a Nova Evangelização. Eventuais confusões e esclarecimentos.

Nós estamos no nível da evangelização primária ou primeira evangelização. A Nova Evangelização foi lançada para a "re-cristianização" de quem se de-cristianizou.

Onde tinha havido "sacramentação" supondo como já adquirida uma evangelização, è precisa uma nova evangelização. Mas onde nenhuma evangelização foi feita até agora, claramente deve-se fazer evangelização "tout court".

Claro que as duas coisas podem influenciar-se reciprocamente:

- onde se deve fazer uma nova evangelização, pode-se inspirar a métodos experimentados nas missões ad gentes
- e também nas missões ad gentes pode-se fazer tesouro de sucessos e insucessos colhidos nos âmbitos em que sse está evidenciando a necessidade da nova evangelização, variando e midando métodos, (Se quisermos è um bocado a influência recíproca que pode haver entre Catecumenato e Neocatecumenato)

2. No arco das múltiplas fases do processo de evangelização o P.I.M.E. concentra-se numa fase bem definida, ou em fases bem definidas e especifica duas:

Evangelii nuntiandi nn. 18-224: "renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, acolhimento dos sinais, iniciativas de apostolado" (n.24)

Pelo ditado das Constituições parece que se devam sublinhar como específicas a terceira (anúncio: anúncio sem dúvida, e atensão para o explicitar para que produza fruto nas fases sucessivas; não seria propriamente o testemunho silencioso a longo prazo) e a última (iniciativas de apostolado=missionariedade das novas comunidades, da Igreja particular).

Todo este processo encontra-se ainda mais desenvolvido da RM, capV, nn 41-49 (cfr. AG 11-22).

3. Em C.1,3 faz-se referência a Países cuja população é na maioria cristã (parece contemplado aqui o caso de Brasil, Filipinas, México...) e aponta-se, como área própria de acção para o P.I.M.E. a "existência de ambientes socio-culturais praticamente não evangelizados".

Parce que podemos dizer: se isto justifica a presença e a acção do Instituto conforme seu carisma em Países cuja população é na maioria cristã, quanto mais será consoante o seu carisma sua atenção à existência de tais ambientes em Igrejas jovens, cujos cristãos representam uma minoria, Igrejas talvez tentadas de se dedicarem às ovelhas já dentro do redil e com falta de pessoal e de meios para ir ad gentes. Parece que se deva inserir neste ponto uma nossa actividade específica no contexto da Igreja particular de que estamos ao serviço (C.4), no que respeito ao diálogo com as culturas e com as religiões, maxime as tradicionais

- para uma evangelização das "culturas" (das pessoas que nelas vivem)
- para ajudar a Igreja particular no caminho de inculturação.

B. Como o nosso carisma postula o processo de inculturação

1. O que é que entendemos por inculturação?

2. Como a inculturação se enquadra no nosso carisma?

1. Vamos fazer uma pequena distinção para esclarecermos as ideias e para nos entendermos melhor.

a. Falamos em "aculturação":

aproximamo-nos duma cultura. Viemos de outra e tentamos entrar em contacto com a cultura da gente a que fomos enviados. Tentamos tornar-nos "interlocutores", capazes de entender e de se fazer entender (É dever fundamental de cada missionário... RM53,a)

Ex. Importamos no ambiente em que chegámos algo que vem de fora (ex. Fruta europeia...): linguagem, formas de vida, estruturas...

É como se eu importasse frutas e hortaliças da Europa, do Brasil etc: dependendo de lá, e o que importo não é tão bom aqui como era bom lá...

b. Falamos em "inculturação"

continuando o exemplo da fruta e da hortaliça: mais ou menos é como se, em vez de continuar a importar, vou ver o que pode ser plantado e cultivado aqui: e o que chega a viver terá novos sabores, sem que seja preciso continuar a importar (ex. Mandioca, bananas, mangos da Índia... Animais, como o porco e outros...)

Quer dizer :RM 52-54 A íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas.

(A este ponto podes recuperar parte dos apontamentos sobre a inculturação: RM 52-54 apont. pp 10-14).

2. Como se enquadra no nosso carisma.

a. No que diz respeito ao anúncio:

- necessidade indispensável de uma **aculturação**: não anuncio nada se não sou "interlocutor", se não entro em sintonia com o destinatário. Non consigo lançar pontes se tiver a base só dum lado, mas no outro lado nem sei onde me poderia apoiar....

- necessidade de estudar e "interpretar" as culturas, ou melhor as pessoas que vivem em determinadas culturas, para fazer emergir os desejos, os anseios e as aspirações mais profundas, não só a nível individual, mas também de grupo étnico-cultural, para enxertar neles as respostas que provêm do próprio anúncio.

b. Num segundo momento o nosso serviço pode ser mesmo o de estimular, de ser como catalizador, para que as comunidades cristãs interpretem o anúncio, o traduzam em vivência nova, o conjuguem em modalidades novas para que se torne, por sua vez, convite e anúncio no seu contexto, quer dizer inculturado.

O fruto que disso vai nascer è uma nova cultura

- que "sabe a Cristo"
- que satisfaz e até transcende as aspirações mais profundas
- e que, mesmo porque está enxertada nas aspirações mais profundas do ser humano, se torna capaz de dialogar com outras culturas, a nível universal.

Daí è que pode brotar não só a exigência, mas também a possibilidade e a consciência duma "missão" quer "ad intra", no âmbito da própria cultura quer "ad extra", na "missão" mais especificadamente "ad exteris", como no nosso carisma.

No terreno como è que isto se traduz?

A. Onde a Igreja particular não fosse atenta (ou não tiver os meios para ser atenta) às situações "de fronteira" ou, mais ainda, a quem (pessoas ou grupos) ainda não recebeu o anúncio de forma adequada, nos nos propomos e abrimos caminhos, despertamos a atenção, tentamos abrir perspectivas e meios (è um bocado a tentativa das chamadas "áreas culturais")

B. No contexto da assim chamada "pastoral ordinária" será nossa tarefa específica ajudar a realização profunda do encontro com Cristo e não só com uma "vida sacramental" rotineira, de forma a termos comunidades paroquiais "missionárias", quer dizer com o "tormento" dos irmãos que ainda não encontraram a Cristo que já è a razão da nossa vida. O qual será anunciado por estas comunidades duma forma nova, re-exprimido em categorias novas, através de moldes de vida novos e "legíveis", vistos como possíveis e até desejáveis, naquilo que já se pode chamar um anúncio inculturado pela vida da comunidade cristã local.

Claro que aqui também, também em paróquias grandes de cidade, è preciso que haja todo um diálogo cultural, è preciso introduzir o Evangelho em profundidade para que, como diz Paulo VI, se chegue a "alcançar e quase subverter com a força do Evangelho os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN 19): (È um bocado o estilo da nossa "diocesanidade") Poderíamos dizer que se trata de "inocular o bacilo da missionariedade".

Os dois aspectos do serviço estão plenamente em consonância com o nosso carisma e não há desnível nenhum de consideração ou de dignidade; somente as "situações de fronteira" podem exigir uma presença mais demorada da mesma pessoa no mesmo terreno, atendendo ao facto que para entrar numa cultura mais ao fundo è preciso pelo menos conhecer a língua. È desejável contudo que os resultados alcançados sejam progressivamente colocados a disposição de todos.

Suzana 30.05.05